

OBJETOS EVOCADORES DE MEMÓRIAS E DE FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO NOS MUSEUS: O CASO DO MUSEU CLÁUDIO OSCAR BECKER.

Helen Kaufmann Lambrecht¹

Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPEL

Daniel Maurício Viana de Souza²

Professor do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL

Diego Lemos Ribeiro³

Professor Adjunto do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL

Resumo: O presente artigo busca tratar dos conceitos de memória e identidade, discutindo-os em âmbito museológico. Consideraremos como exemplo para o embasamento teórico, a análise da expografia e dos objetos de um museu de imigração alemã, o Museu Cláudio Oscar Becker, que fica na cidade de Ivoti/RS-Brasil. Pretende-se fazer uma reflexão teórica acerca dos objetos de museus como potenciais mediadores da memória, ao mesmo tempo que, podem vir a ser instrumentos identitários para a sociedade.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Museu. Objeto. Comunidade.

EVOCATING OBJECTS OF MEMORIES AND IDENTITY STRENGTHENING IN THE MUSEUMS: THE CASE OF THE CLÁUDIO OSCAR BECKER MUSEUM.

Abstract: *The present article seeks to deal with the concepts of memory and identity, discussing them in museological scope. As an example, the Cláudio Oscar Becker Museum, located in the city of Ivoti / RS-Brazil, will be considered as an example for the theoretical basis of the expography and objects of a German immigration museum. It is intended to make a theoretical reflection about the objects of museums as potential mediators of memory, at the same time, they can become instruments of identity for society.*

Keywords: *Memory. Identity. Museum. Object. Community.*

¹ Helen Kaufmann Lambrecht - Museóloga, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. (51) 98206-5130, hklmuseologa@gmail.com

² Daniel Maurício Viana de Souza - Museólogo, Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. (51) 98242-8204, danielmvsouza@gmail.com

³ Diego Lemos Ribeiro - Museólogo, Doutor em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo e Professor Adjunto do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas. (53) 99155-5039, dlrmuseologo@yahoo.com.br

OBJETOS EVOCADORES DE MEMÓRIAS E DE FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO NOS MUSEUS: O CASO DO MUSEU CLÁUDIO OSCAR BECKER.

Introdução

Ao visitarmos o Museu Cláudio Oscar Becker, em Ivoti, no Estado do Rio Grande do Sul-Brasil, percebemos que a expografia e os objetos expostos dão ênfase à imigração alemã, o que pode vir a ser um subsídio relevante para pensarmos a memória e a identidade da cidade. O museu é dedicado a memória do município e da imigração alemã e foi criado em 1995. Seu nome é em homenagem a Cláudio Oscar Becker, que foi membro da comissão emancipacionista da cidade. O museu encontra-se instalado em uma casa enxaimel⁴ do Núcleo de Casas Enxaimel de Ivoti e possui uma quantidade significativa de acervo, formado através de doações da comunidade. São aproximadamente 1600 objetos de diversas tipologias, dentre roupas, utensílios domésticos e mobiliários.

Neste artigo, busca-se fazer uma reflexão acerca dos objetos de museus como mediadores da memória, ao mesmo tempo que, podem vir a ser instrumentos identitários para a comunidade. Analisa-se, em particular, o Museu Cláudio Oscar Becker, selecionado para debate por ser proveniente de pesquisa dos autores, sendo o estudo aqui proposto, fruto de questionamentos e considerações embasadas em suas interações com esse museu. Buscamos verificar a respeito da importância deste espaço cultural para manter viva a memória e a identidade dos moradores.

Partindo dessas averiguações, a trama da análise baseia-se em alguns conceitos que são fundamentais para elucidar nossos questionamentos. Traremos algumas definições de memória e identidade; museus e objetos, para compreendermos a importância da relação entre esses contextos. Pretendemos, através destes conceitos, levantar uma discussão sobre os sentidos da memória e da identidade, e da analogia entre essas concepções, principalmente, no campo dos museus.

⁴ Enxaimel é um processo de edificação trazido da Alemanha, na qual se utiliza uma estrutura de madeira encaixada e as paredes preenchidas com barro, pedras e vegetação (KREUTZ, 2013).

Memórias

Para compreendermos a memória em contexto coletivo e museológico, e a relação entre estes, que é um dos nossos objetivos neste artigo, primeiramente, necessitamos introduzir o que é a memória em si mesma. Pierre Nora⁵ define que a memória é a vida, pois ela é sempre carregada por grupos vivos e está em constante evolução, é um fenômeno atual, um elo que se faz com o presente, ela é “múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 9). Para Ivan Izquierdo⁶, de forma prática, a memória é o armazenamento e evocação de informações que são adquiridas através de nossas experiências, a aquisição de memórias é um aprendizado. Ainda complementa que:

Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou). Há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. Representações, mas não realidades [...] (IZQUIERDO, 1989, p. 89)

Pensando em uma ordem cronológica a respeito do estudo da memória, trataremos a seguir os principais autores que consideramos essenciais de serem trabalhados para compreendermos a evolução do entendimento sobre o assunto.

No século XIX, Henri Bergson inaugura a ideia da fenomenologia da lembrança, analisando a memória a nível neurológico, psicológico e filosófico, afirmando que a memória era algo diferente do que apenas uma função do cérebro. Bergson⁷ alega que existem dois tipos de memórias:

Há, dizíamos, duas memórias profundamente distintas: uma, fixada no organismo, não é senão o conjunto dos mecanismos inteligentemente montados que asseguram uma réplica conveniente às diversas interpelações possíveis. Ela faz com que nos adaptemos à situação presente, e que as ações sofridas por nós se prolonguem por si mesmas em reações ora efetuadas, ora simplesmente nascentes, mas sempre mais ou menos apropriadas. Antes hábito do que memória, ela desempenha nossa experiência passada, mas não evoca sua imagem. A outra é a memória verdadeira. Coextensiva à consciência, ela retém e alinha uns após outros todos os nossos estados à medida que eles se produzem, dando a cada fato seu

⁵ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de: Yara Aun Khoury. Revista Projeto História, São Paulo, 1993.

⁶ IZQUIERDO, Ivan. Memórias. Estudos históricos [online]. 1989, vol.3, n.6, pp. 89-112. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>>. Acesso em: 13/07/2017.

⁷ BERGSON, Henri. Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo, Martins Fontes, 1990:59-107.

lugar e conseqüentemente marcando-lhe a data, movendo-se efetivamente no passado definitivo, e não, como a primeira, num presente que recomeça a todo instante. (BERGSON, 1990, p. 176-177)

O autor define a primeira, como uma memória-hábito, uma memória que está em nosso inconsciente, em nosso espírito, e conforme estipulado por Ecléa Bosi⁸, ela se adquire “pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Ela é – embora Bergson não se ocupe explicitamente desse fator – um processo que se dá pelas exigências da socialização” (BOSI, 1994, p. 49). A segunda, uma memória-pura, que são acontecimentos conservados em nossa memória e tornam-se conscientes através do reconhecimento e da percepção, esta memória possui um caráter evocativo, no qual nosso espírito conserva em todos os detalhes o quadro de nossa vida transcorrida.

O sociólogo Maurice Halbwachs⁹, inicia seu estudo sobre a memória em contexto social no século XX. Podemos considerá-lo como um pioneiro no estudo da memória social. Para ele, a memória seria uma construção social, construída a partir das relações mantidas entre os indivíduos e os grupos. Estabelece assim, o conceito de memória coletiva, afirmando que o que denominamos memória possui sempre um caráter social. Bosi (1994), alega que mesmo Halbwachs tendo sido aluno de Bergson e ter tido certa inspiração em suas obras, ao trazer o estudo da memória como fenômeno social, ele modifica e até rejeita as especulações bergsonianas, pois é um fato que Bergson não expõe em seu trabalho. A autora também questiona a ideia de Bergson, de que a lembrança seria uma conservação total do passado, ela defende que por mais nítida que seja uma lembrança, ela não é a mesma que experimentamos quando ocorreu, pois não somos mais os mesmos e a nossa percepção alterou-se.

De acordo com Halbwachs (2004), estamos inseridos em grupos que tornam nossas lembranças sempre permeadas pelas ideias e impressões impostas pelos grupos. A memória coletiva compõe-se de um conjunto de memórias individuais, nos quais os marcos sociais seriam os elementos estruturantes dessas memórias, contribuindo tanto para a formação quanto para a evocação das memórias, esses marcos são: linguagem, tempo, espaço e experiência. Partindo destes quadros de

⁸ BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

⁹ HALBWACHS, Maurice. Los marcos sociales de la memoria. Caracas: Anthropos Editorial, 2004.

referência, podemos localizar uma lembrança. Os marcos ajudam a classificar e ordenar as recordações de uns indivíduos com relação às de outros, sendo instrumentos que a memória coletiva utiliza para auxiliar na reconstrução de uma imagem do passado (HALBWACHS, 2004).

Para Halbwachs (2004), a memória então seria um trabalho de reconhecimento e reconstrução, que atualiza os quadros sociais nos quais elas podem permanecer e então articular-se entre si. Portanto, para o autor não existem memórias exclusivamente individuais, nossas lembranças são coletivas e nos são lembradas pelos outros, pois nunca estamos sós. As noções apresentadas até o momento, tanto de Bergson, quanto de Halbwachs, são de suma relevância para compreendermos os elementos estruturantes e coletivos da constituição de memórias, sendo fundamental trabalharmos com esses aportes teóricos. Porém, nos alinhamos a posição de Joel Candau, que contribui ao assunto de maneira mais atual, referindo-se, por exemplo, a inexistência de uma memória coletiva propriamente dita.

Para o antropólogo Joel Candau¹⁰, existem três tipos de manifestações de memória: memória de baixo nível ou protomemória, que seria uma memória procedural, de saberes e experiências, como a memória-hábito de Bergson; memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento; e metamemória, que consiste em uma memória reivindicada. Mas Candau (2014) discorda da ideia de memória coletiva de Halbwachs, afirmando que é impossível um ou mais indivíduos recordarem exatamente da mesma maneira algum acontecimento. Para o autor, a memória coletiva é uma forma de metamemória, uma representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, ou seja, uma possibilidade de pensarmos uma provável memória coletiva, uma declaração social ou narrativas que os membros de um grupo querem produzir sobre uma memória supostamente comum a todos. Toda memória é social, mas não necessariamente coletiva (CANDAU, 2014).

Desta forma, Candau (2014) estipula que só podemos utilizar o termo “memória coletiva” a nível das retóricas holistas. As retóricas holistas são categorizações, elas designam algo que não são fatos reais, concretos, as nomeamos para dar um significado. É uma retórica pois há uma consciência do

¹⁰ CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2014.

sujeito de que compartilha uma memória que não é necessariamente compartilhada. O autor questiona que devemos nos interrogar a respeito da pertinência da expressão “memória coletiva” utilizada como conceito.

Quando uma retórica holista remete a representações factuais (supostamente compartilhadas por um grupo de indivíduos), há uma forte probabilidade de que seu grau de pertinência seja elevado. Quando remete a representações semânticas (supostamente compartilhadas por um grupo de indivíduos), há uma forte probabilidade para que seu grau de pertinência seja fraco ou nulo. O grau de pertinência será sempre mais elevado na presença de uma memória forte e vigorosa, do que uma memória fraca e inconsistente (CANDAU, 2014). Diante das considerações do autor, acreditamos que o termo mais adequado para se utilizar seja “metamemória coletiva” em vez de memória coletiva.

A partir dessas definições, podemos perceber, que Henri Bergson e Maurice Halbwachs introduziram importantes considerações acerca dos conceitos de memória, e Joel Candau trouxe um aperfeiçoamento a estas ideias. Portanto, traremos a seguir, a elucidação de outro assunto que nos interessa e está diretamente relacionado com a memória: a identidade. Neste momento, partiremos para uma analogia dos conceitos de memória e identidade, relacionando-os com os museus e os objetos museológicos.

Memória, Identidade, Museus e Objetos: indissociáveis

A identidade está relacionada com as nossas experiências, com aquilo que reconhecemos e nos identificamos. Está relacionada com a nossa memória. Candau (2014) alega que a memória influencia na construção de nossa identidade, permitindo que o indivíduo construa sua própria identidade. Sem memória, não há identidade. Assim como a memória coletiva, a identidade também é uma categoria holista, uma metáfora. De acordo com Candau (2014), quando aplicadas a grupos, tanto a memória quando a identidade, podem ser impróprias, pois nenhuma delas é exata, nenhum grupo pode ter a mesma memória (mesmo ela sendo comum entre eles) e nenhum indivíduo pode ser igual ao outro, apenas idêntico a ele mesmo. Ainda complementa que a metamemória, por ser uma memória reivindicada, é uma

dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva (CANDAUI, 2009)¹¹.

A memória e a identidade “se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (CANDAUI, 2014, p. 16). Para o antropólogo, a metamemória coletiva é um compartilhamento de lembranças, que tem estrita relação com a valorização do patrimônio através da valorização de uma identidade local. E nesse sentido, os objetos patrimoniais, que necessitam de conservação, restauração e valorização, serão um marco de identidade de um grupo (CANDAUI, 2014).

Candau (2014) declara que a memória e a identidade se concentram em lugares, um lugar de memória é onde a memória trabalha, são lugares duráveis, carregados de história e memória, assim como os museus, espaços organizadores de práticas de memória e objetivadores da identidade. Maria Leticia Ferreira e Francisca Michelon¹² afirmam que os museus de memória “compreendem-se como um espaço social, um local de produção de práticas e saberes construídos por um conjunto de agenciamentos técnicos, dispositivos materiais e humanos.” (FERREIRA e MICHELON, 2015, p. 81). Sendo assim, a memória é de essencial importância nos museus, assim como, os objetos são importantes elementos da memória e da identidade. Daniela Schmitt¹³ afirma que:

Os museus são testemunhos dos processos e manifestações culturais, pois participaram e participam ativamente da construção e da reconstrução da identidade, seja local ou nacional, por meio da salvaguarda da memória através de seus acervos e de seus espaços expositivos. (SCHMITT, 2016, p. 31)

Os museus estimulam as lembranças metamemoriais e possuem a função de repensar e recriar memórias e identidades através da ressignificação da materialidade, dos suportes de memórias, assim como assegura Bosi (1994): “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.”

¹¹ CANDAUI, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. Revista Memória e Rede, jan/jul, 2009.

¹² FERREIRA, Maria L. Mazzucchi, MICHELON, Francisca. Cicatrizes da memória: fotografias de desaparecidos políticos em acervos de museus. EstudosIbero-americanos, vol.41, n.1, 2015.

¹³ SCHMITT, Daniela. Discurso e prática: a função social do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo sob a ótica das políticas culturais. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Feevale, Novo Hamburgo, 2016.

(BOSI, 1994, p. 56). Halbwachs complementa que nós conservamos as nossas recordações através da referência ao meio material que nos cerca (HALBWACHS, 1925 apud CONNERTON, 1999)¹⁴, ou seja, por meio dos objetos que estão à nossa disposição e ativam as nossas lembranças.

Nora (1993) declara que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). E diante disso, compreendemos como são importantes e necessários os museus, pois lembrar não é apenas reviver, “mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 17), função essa, destinada principalmente aos espaços museológicos. De acordo com Bosi (1994) “a lembrança é a sobrevivência do passado” (BOSI, 1994, p. 15), os museus nesse sentido, buscam conservar o passado através dos objetos de seu acervo, objetos esses considerados instrumentos dinamizadores da memória.

Candau (2009) comenta que certas ações de patrimonialização estão na origem da memória e identidade. A patrimonialização, como um processo que torna um bem material ou imaterial em patrimônio, desempenha um papel essencial para autenticar uma crença de um passado compartilhado pelos membros de um grupo. Nesse compasso, os espaços museológicos, ao patrimonializarem os objetos considerados de relevância para a história de uma comunidade, auxiliam para que a memória e a identidade sejam estimuladas, recriadas e facilitam para que isso venha a ser um trabalho permanentemente dinâmico para o grupo que se identifica com aquele museu.

E os objetos nesta conjuntura? De acordo com Marcus Dohmann¹⁵ é vital a presença dos objetos na vida humana; somos cercados por uma infinidade de materialidades desde a mais tenra idade, somos objetificados e coisificados. O autor acrescenta que todos os “objetos, coisas, troços e tralhas” (DOHMANN, 2013) estão repletos de sentidos e significados, e até de ressignificados, sendo-lhes atribuídos valores e simbolismos. Os objetos, nesse sentido, não seriam apenas suportes de memórias, mas potenciais conectores entre os humanos e o mundo. Isso implica, portanto, pensar os objetos da cultura material não apenas como produtos da vida social, mas sobretudo como vetores, na medida que estes estão tecidos juntos em

¹⁴ CONNERTON, Paul. Como as Sociedades Recordam. 2.^a Edição. Oeiras: Celta, 1999.

¹⁵ DOHMANN, Marcus (Org.). A experiência material: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Riobooks, 2013.

uma complexa rede de relações através da qual os sujeitos constroem suas identidades, individual e social. Mais do que meras representações, os objetos que possuímos, ou aqueles circunscritos aos limites institucionais, nos formatam no mesmo grau em que são formatados por nós (MILLER, 2013)¹⁶.

Mathilde Bellaigue e Michel Menu¹⁷ expõem que os objetos quando inseridos em contexto museal, ganham um novo sentido, uma nova identidade, transformando-se em documento ou objeto-documento. São mais do que meros instrumentos do dia a dia; são, em realidade, mediadores de vivências e memórias. Um objeto pode ultrapassar a sua função prática, revelando informações, pois há sempre um sentido a mais, para além do uso para o qual foi inicialmente projetado. José Reginaldo Gonçalves¹⁸ complementa que os objetos materiais:

São pensados como um sistema de comunicação, meios simbólicos através dos quais indivíduos, grupos e categorias sociais emitem (e recebem) informações sobre seu status e sua posição na sociedade. (GONÇALVES, 2007, p. 20)

O autor ainda adiciona que os objetos, enquanto um sistema de símbolos que condiciona a vida social, organizam ou constituem o modo pelo qual os indivíduos e os grupos sociais experimentam subjetivamente suas identidades. Desta forma, entendemos que os objetos museológicos possuem a função de indicadores de memória, cuja materialidade pode criar pontes com uma paisagem que está no plano do invisível, do imaginado; paisagem essa que é percebida e projetada no campo das subjetividades. Em outros termos, importa pensar os objetos como semióforos (POMIAN, 1984)¹⁹, como mediadores entre um universo visível (objetividade/materialidade) e um horizonte invisível (subjetividade/imaterialidades).

O caráter discursivo e mnemônico que é gatilhado a partir da relação entre sujeito e objeto, e a potencialidade conectora que exercem os objetos-semióforos entre um universo visível e invisível, pode ser interpretado a partir da ideia de espírito do objeto.

¹⁶ MILLER, Daniel. Trecos, Troços e Coisas: Estudos antropológicos sobre a Cultura Material. Daniel Miller; Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar, 2013. 248 páginas.

¹⁷ BELLAIGUE, Mathilde; MENU, Michel. Object-document? Ou: le voir et Le savoir. In: SYMPOSIUM OBJECT – DOCUMENT? Beijing, China, 1994, v.23, p.143-145.

¹⁸ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios / José Reginaldo Santos Gonçalves. - Rio de Janeiro, 2007.

¹⁹ POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

É preciso também não esquecer que, enquanto portadora de uma “alma”, de um “espírito”, as coisas não existem isoladamente, como se fossem entidades autônomas; elas existem efetivamente como parte de uma vasta e complexa rede de relações sociais e cósmicas, nas quais desempenham funções mediadoras fundamentais entre a natureza e cultura, deuses e seres humanos, mortos e vivos, passado e presente, cosmos e sociedade, corpo e alma, etc. (GONÇALVES; GUIMARÃES; BITAR 2013, p. 08)²⁰

No campo da memória, essas invisibilidades estão circunscritas ao caráter extensivo (projetivo) que os objetos podem assumir no tecido social. Candau (2014) afirma que a humanidade nunca está satisfeita com o cérebro como a única forma de estocagem de informações, e por isso “desde muito cedo, recorre a extensões de memória” (CANDAU, 2014, p. 107). As coleções e os objetos recolhidos por museus seriam, no sentido referido pelo autor, formas de produzir traços e exteriorizar a memória - que, em razão de sua capacidade extensiva e conectora, subsidia progressivamente a socialização memorial.

Importa grifar, contudo, que a natureza memorial, ou a invisibilidade das materialidades, não pode ser capturada pelo simples ato de mirá-las. Dito de outro modo, a análise puramente material dos objetos não ultrapassa sua natureza epidérmica, que redundando nas suas propriedades físico-químicas. Como nos alerta Ulpiano Bezerra de Meneses (1998, p. 91)²¹ “nenhum atributo de sentido é imanente”, e justamente por isso “seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos”. Os olhares sobre a cultura material devem ser compreendidos, portanto, dentro das relações sociais em que os objetos circulam, em que são valorados, singularizados e, eventualmente, descartados.

Em sentido análogo ao que Gonçalves (2007) chama de antropologia dos objetos, os estudos mais recentes no campo da cultura material indicam um caminho que extrapola a simples leitura objetiva do objeto, debruçando-se sobre sua vida social. Conforme sugerido por Kopytoff²², os objetos possuem uma biografia cultural que merece ser desvelada; biografia essa que busca (re)conectar os objetos ao

²⁰ GONÇALVES, José Reginaldo; GUIMARÃES, Roberta; BITAR, Nina. A Alma das Coisas: patrimônios, materialidades e ressonâncias. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2013.

²¹ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, p. 89-103, 1998.

²² KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org.). A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

tecido social. A perspectiva biográfica inaugurada por Kopytoff (2008) abre espaço para pensar numa questão fundamental no campo do patrimônio e da memória, e por tabela dos museus: os objetos devem ser estudados em situação, mimetizados nos contextos sociais e temporais em que circulam. É preciso considerar também que esses objetos, antes de serem albergados em museus, atravessaram distintos processos de singularização; a cada “fase de vida”, os objetos sofrem peculiares deslocamentos de sentidos - no caso do Museu em análise, do uso cotidiano a objeto musealizado; de mercadoria a bem patrimonial.

Diante do levantamento teórico proposto até aqui, aludiremos como o museu analisado se relaciona com as questões discutidas, através da observação dos objetos patrimonializados que compõem sua expografia.

Os objetos do Museu Cláudio Oscar Becker como evocadores de memórias e identidades

Por volta de 1826, diversas famílias de origem germânicas migraram para a cidade de Ivoti, vindas em maioria da região de Hunsrück e Mecklenburg, na Alemanha. Esses moradores receberam uma porção de terra, inicialmente ergueram casas de palha e mais tarde construíram casas mais sólidas, de estilo muito diferente das construções locais, as casas enxaimel (KREUTZ, 2013)²³. Há uma concentração dessas casas, hoje denominado “Núcleo das Casas Enxaimel”, considerado patrimônio histórico e cultural da cidade. Trata-se de um significativo conjunto de arquitetura representativo da imigração alemã e constitui-se em um dos mais íntegros e autênticos assentamentos legados por esta cultura no Estado. Ao todo, são sete construções nesse estilo, que formam a maior concentração de casas históricas enxaimel do Brasil.

O município sentiu a necessidade de compartilhar e difundir a sua história, criando o Museu Cláudio Oscar Becker em 1995. A casa utilizada para abrigar o museu, é datada de 1830 e seus últimos moradores viveram no local até meados de 1960 (KREUTZ, 2013).

²³ KREUTZ, Roque Amadeu. Bom Jardim – Ivoti: no palco da história / Roque Amadeu Kreutz (Organizador). – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Figura 1: Fachada do Museu Cláudio Oscar Becker
Fonte: Xiru Sander Scherer



Os objetos que compõem o acervo são oriundos das famílias locais e se relacionam com cenas domésticas, como a cozinha e o quarto. A expografia é constituída por quatro ambientes. A sala de entrada foi reformulada recentemente, funcionando como uma sala de exposições temporárias. No momento possui diversos objetos expostos e painéis sobre a história da cidade e da imigração:

Figura 2: Sala de entrada
Fonte: Patrícia Heckler



Os dois ambientes seguintes são a cozinha e o quarto de dormir, constituídos por mobiliários e objetos dispostos no formato que eram utilizados pelos antigos moradores:

Figura 3: Cozinha
Fonte: Acervo dos autores



Figura 4: Quarto de dormir
Fonte: Patrícia Heckler



E o último ambiente, é o sótão, que possui quatro temáticas expográficas: escola, infância, viagem e trabalhos domésticos.

Figura 5: Escola
Fonte: Acervo dos autores



Figura 6: Infância
Fonte: Acervo dos autores



Figura 7: Viagem
Fonte: Acervo dos autores



Figura 8: Trabalhos domésticos
Fonte: Acervo dos autores



Podemos perceber, através dos objetos escolhidos para comporem a expografia e a disposição dos mesmos, que o destaque do museu está principalmente na imigração alemã, nos usos, nas práticas e costumes dessa cultura, além de serem itens de referência para as épocas em que sua missão se enquadra. E qual a significância deste acervo para a identidade da cidade? Concordamos com Maria Leticia Ferreira²⁴ quando afirma que a patrimonialização pode vir a positivar a identidade de uma cultura imigrante:

A patrimonialização de elementos da cultura pomerana, [...] revestiu-se de simulacros do passado (comemorações da imigração), “turistificação” da cultura (a rota pomerana) e inserção desses elementos tradicionais em uma lógica de mercado (a venda de artesanatos, produtos comestíveis, indumentárias). Mas, ao mesmo tempo, gera efeitos como a positivação de uma identidade, a ruptura do silêncio imposto pela não aceitação dos pomeranos na comunidade urbana e outros resultados cujo impacto ainda necessitam de tempo para serem avaliados. (FERREIRA, 2012, p. 16)

Candau (2014) complementa que o passado é eletivo e “um grupo pode fundar sua identidade sobre uma memória histórica alimentada de lembranças de um passado prestigioso [...]” (CANDAU, 2014, p. 151). E, ainda, a constituição de um grupo identitário se dá através de “uma memória ligada a uma sucessão de lugares de uso e habitação” (BONNEMAISON, 1996, p. 156-157 apud CANDAU, 2014, p. 158), e isto pode ser observado em lugares de memória de grupos de

²⁴ FERREIRA, Maria L. Mazzucchi. Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado. *Historiæ*, Rio Grande, 3 (3): 09-26, 2012.

imigrantes, como é o caso do espaço analisado, um museu criando condições para a preservação da memória e das identidades.

Nessa linha de compreensão, os museus e os objetos são importantes sociotransmissores, conceito estipulado por Candau (2009). Segundo o autor, os sociotransmissores são dispositivos de transmissão de memória, são essenciais para a transmissão cultural e partilha memorial. As autoras Ferreira e Michelon (2015) complementam que os museus seriam sociotransmissores porque “através de diferentes recursos com os quais constroem a linguagem expográfica, buscam envolver o observador, levando-o a compartilhar emoções e experiências” (FERREIRA e MICHELON, 2015, p. 83). Além disso, elas afirmam que os museus constituem memórias através de elaborações narrativas, possuindo a capacidade, através da expografia e outros suportes, de criar práticas discursivas, compartilhando-o com o universo social representado pelo visitante (FERREIRA e MICHELON, 2015).

Os museus, considerados lugares de memória, assim denominados por Nora (1993), são lugares possíveis de evocação memorial, os objetos e a socialização com outras pessoas neste espaço, as fazem recordar. Podemos considerar, ao nosso ver, que o museu pode vir a ser um formador, transformador e fortalecedor das identidades, um processo social que o esquia do esquecimento. Por outro lado, não podemos deixar de mencionar que alguns museus de memória atuam mais no sentido de esquecimento do que de lembrança, problematizam não só o que está exposto, mas também o que não está, a partir das narrativas construídas pela exposição.

Para concluir, entendemos que os objetos museológicos possuem a função de indicadores de memória através da sua materialidade que está concomitantemente relacionada a imaterialidade. Os objetos ingressam aos museus e são transformados em indícios materiais de vivências, são carregados de significados e recordações, que ao serem postos em dinâmicas sociais, podem evocar memórias e estimular para que sejam criadas e fortalecidas as identidades da comunidade. Os objetos de museus, nesse sentido, contribuem para esta representação de um passado e que podem trazer ao presente, recordações criadas socialmente.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, foram apresentadas considerações a respeito da memória e da identidade, adotando o Museu Cláudio Oscar Becker para aplicação dos conceitos. Emergimos as discussões entre memória, identidade, museus e objetos, na perspectiva de auxiliar a compreensão sobre as potencialidades e possibilidades dessa instituição enquanto espaço de preservação da memória e da identidade dos imigrantes. Dessa forma, através das argumentações apresentadas, acredita-se que podemos, ao nosso ver, considerar este museu como um fortalecedor de memórias e identidades da imigração, no qual, os objetos em conjunto, traduzem os modos de vida da cidade.

A cidade de Ivoti conta com uma população de aproximadamente 20 mil habitantes (IBGE, 2016)²⁵, sendo a sua maioria de origem alemã. Parte deles ainda utiliza o dialeto Hunsrück que os imigrantes falavam quando se estabeleceram no local (KREUTZ, 2013). Além do museu destinado a imigração, e a perpetuação da língua, a tradição alemã se faz presente em outras manifestações culturais que são preservadas e cultivadas: nas danças, na gastronomia, nos bailes e nas festas com animação de bandas típicas (entre os festejos, destaca-se o Kerb²⁶), nos bordados em pontos livre dos Wandschoner²⁷ e na arquitetura, conferindo a cidade uma característica singular.

Deste prisma, o museu vem a ser um instrumento que complementa essas ações identitárias. Importante frisar que consideramos que o museu possui o potencial identitário para que a comunidade se identifique com ele, não seria possível afirmarmos com convicção que todos os moradores se identificam com o espaço. Podemos manifestar nossa opinião, através das discussões aqui levantadas, de que o museu possui potencial de evocar memórias e estimular identidades. E é através do compartilhamento metamemorial, que os moradores do local poderão manter vivas para as futuras gerações, as práticas e costumes da tradição alemã.

²⁵ IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ivoti. 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rs/ivoti/panorama>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.

²⁶ Festa popular de origem alemã.

²⁷ Os Wandschoner são panos de parede usados para decorar as casas e continham dizeres e mensagens sábias de moral, espirituais ou provérbios (KREUTZ, 2013).

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo, Martins Fontes, 1990:59-107.
- BELLAIGUE, Mathilde; MENU, Michel. **Object-document? Ou: le voir et Le savoir**. In: SYMPOSIUM OBJECT – DOCUMENT? Beijing, China, 1994, v.23, p.143-145.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.
- CANAU, Joel. **Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade**. Revista Memória e Rede, jan/jul, 2009.
- CANAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. 2.^a Edição. Oeiras: Celta, 1999.
- DOHMANN, Marcus (Org.). **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Riobooks, 2013.
- FERREIRA, Maria L. Mazzucchi. **Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado**. Historiæ, Rio Grande, 3 (3): 09-26, 2012.
- FERREIRA, Maria L. Mazzucchi, MICHELON, Francisca. **Cicatrizes da memória: fotografias de desaparecidos políticos em acervos de museus**. Estudos Ibero-americanos, vol.41, n.1, 2015.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios / José Reginaldo Santos Gonçalves**. - Rio de Janeiro, 2007.
- GONÇALVES, José Reginaldo; GUIMARÃES, Roberta; BITAR, Nina. **A Alma das Coisas: patrimônios, materialidades e ressonâncias**. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos Editorial, 2004.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Ivoti**. 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rs/ivoti/panorama>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.
- IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Estudos históricos [online]. 1989, vol.3, n.6, pp. 89-112. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>>. Acesso em: 13/07/2017.
- KOPYTOFF, Igor. **A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo**. In: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- KREUTZ, Roque Amadeu. **Bom Jardim – Ivoti: no palco da história / Roque Amadeu Kreutz (Organizador)**. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, p. 89-103, 1998.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas:** Estudos antropológicos sobre a Cultura Material. Daniel Miller; Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar, 2013. 248 páginas.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** A problemática dos lugares. Tradução de: Yara Aun Houry. Revista Projeto História, São Paulo, 1993.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção.** In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

SCHMITT, Daniela. **Discurso e prática:** a função social do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo sob a ótica das políticas culturais. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Feevale, Novo Hamburgo, 2016.